REMUNOM
ISSN 2178-6925

**Received:** 27/10/2026 - **Accepted:** 10/11/2026
**Vol**: 13.23
**DOI**: 10.66104/8sb6ng67
**Pages:** 1-27

# AGRONEGÓCIO BRASILEIRO NA GEOPOLÍTICA MULTIPOLAR: VULNERABILIDADES ESTRUTURAIS, CONFLITOS ARMADOS, GUERRAS TARIFÁRIAS E BARREIRAS REGULATÓRIAS

## *BRAZILIAN AGRIBUSINESS IN MULTIPOLAR GEOPOLITICS: STRUCTURAL VULNERABILITIES, ARMED CONFLICTS, TARIFF WARS, AND REGULATORY BARRIERS*

## AGRONEGOCIO BRASILEÑO EN LA GEOPOLÍTICA MULTIPOLAR: VULNERABILIDADES ESTRUCTURALES, CONFLICTOS ARMADOS, GUERRAS ARANCELARIAS Y BARRERAS REGULATORIAS

**Thiago Machado Budó**
Mestrando em Agronegócios, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
E-mail: thb.budo@gmail.com

**Francieli Diane Merlin Caresia**
Doutoranda em Agronegócios, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
E-mail: merlinfrancieli@gmail.com

**Dionéia Dalcin**
Doutora em Agronegócios, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
E-mail: diodalcin@gmail.com

**João Pedro Velho**
Doutor em Zootecnia, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
E-mail: velhojp@ufsm.br

**Nilson Luiz Costa**
Doutor em Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
E-mail: ecnilson@msn.com

**Paloma de Mattos Fagundes**
Doutora em Agronegócios, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
E-mail: palomattos@gmail.com

**Gabriel Nunes de Oliveira**
Doutor em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
E-mail: gabriel.n.oliveira@ufsm.br

**Nelson Guilherme Machado Pinto**
Doutor em Administração, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
E-mail: nelson.pinto@ufsm.br

REMUNOM
ISSN 2178-6925

**Received:** 27/10/2026 - **Accepted:** 10/11/2026
**Vol**: 13.23
**DOI**: 10.66104/8sb6ng67
**Pages:** 1-27

**Joaquim Luiz Tontini**
Graduando em Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
E-mail: joaquimtontini@gmail.com

## Resumo

Este artigo analisa as interações contemporâneas entre a geopolítica mundial e o desenvolvimento do agronegócio brasileiro, por meio de revisão de literatura e análise documental. Os resultados revelam que o agronegócio brasileiro opera sob uma dualidade estrutural: consolida-se como protagonista indispensável na segurança alimentar global, mas sustenta essa posição sobre bases externamente vulneráveis. A disputa comercial entre Estados Unidos e China gerou desvio de comércio favorável ao Brasil no curto prazo, mas aprofundou sua dependência do mercado chinês. A guerra entre Rússia e Ucrânia expôs a forte dependência brasileira de fertilizantes importados, enquanto o Regulamento de Desmatamento da União Europeia opera como barreira não tarifária que pressiona de forma assimétrica os exportadores periféricos. Conflitos emergentes no Oriente Médio acrescentam um novo vetor de risco via mercado energético. Conclui-se que a diversificação de fornecedores e mercados permanece o principal imperativo estratégico não equacionado pelo país.

**Palavras-chave:** Agronegócio; Geopolítica; Comércio Internacional; Segurança Alimentar.

## Abstract

This paper examines the contemporary interactions between global geopolitics and the development of Brazilian agribusiness through a literature review and documentary analysis. Findings reveal that Brazilian agribusiness operates under a structural duality: it consolidates itself as an indispensable player in global food security, yet sustains this position on externally vulnerable foundations. The US-China trade dispute generated short-term trade diversion favorable to Brazil while deepening its dependence on the Chinese market. The Russia-Ukraine war exposed Brazil's strong reliance on imported fertilizers, while the European Union's Deforestation Regulation functions as a non-tariff barrier that asymmetrically pressures peripheral exporters. Emerging conflicts in the Middle East add a new risk vector through energy markets. The study concludes that supplier and market diversification remains the country's main unresolved strategic imperative.

**Keywords:** Agribusiness, Geopolitics, International Trade, Food Security.

## Resumen

Este artículo analiza las interacciones contemporáneas entre la geopolítica mundial y el desarrollo del agronegocio brasileño, por medio de una revisión de literatura y análisis documental. Los resultados revelan que el agronegocio brasileño opera bajo una dualidad estructural: se consolida como un

REMUNOM
ISSN 2178-6925

**Received:** 27/10/2026 - **Accepted:** 10/11/2026
**Vol**: 13.23
**DOI**: 10.66104/8sb6ng67
**Pages:** 1-27

protagonista indispensable en la seguridad alimentaria global, pero sostiene esa posición sobre bases externamente vulnerables. La disputa comercial entre Estados Unidos y China generó un desvío de comercio favorable a Brasil en el corto plazo, pero profundizó su dependencia del mercado chino. La guerra entre Rusia y Ucrania expuso la fuerte dependencia brasileña de fertilizantes importados, mientras que el Reglamento de Deforestación de la Unión Europea opera como una barrera no arancelaria que presiona de forma asimétrica a los exportadores periféricos. Los conflictos emergentes en Oriente Medio añaden un nuevo vector de riesgo a través del mercado energético. Se concluye que la diversificación de proveedores y mercados sigue siendo el principal imperativo estratégico no resuelto por el país.

**Palabras clave:** Agronegocio, Geopolítica, Comercio Internacional, Seguridad Alimentaria.

## 1. Introdução

A geopolítica contemporânea passa por uma profunda transformação em suas estruturas de disputa por poder e território. Conflitos como a invasão da Ucrânia pela Rússia, acabaram afetando várias nações indiretamente, em específico a Romênia que registrou déficit comercial agrícola severo, superando a marca de 1,2 bilhão de euros apenas no primeiro semestre de 2022, devido à escalada inflacionária dos custos de energia e fertilizantes (Dinu *et al*., 2025).

No cenário internacional, o Brasil emerge como um ator geopolítico estratégico e, simultaneamente, como um reflexo das contradições da globalização agroalimentar. A inserção do país no mercado global baseia-se no complexo agroindustrial da soja. Essa commodity impulsiona o poder geopolítico brasileiro em uma ordem mundial multipolar, equilibrando a balança comercial e estreitando laços com superpotências como a China (Oliveira, 2016).

Entretanto, a literatura aponta que esse modelo exportador coexiste com uma dualidade estrutural, ao mesmo tempo em que o agronegócio atinge recordes de produtividade, o país enfrenta vulnerabilidades geopolíticas pela dependência de insumos químicos importados e convive com contradições internas na segurança alimentar, além de pressões externas de tarifas do mercado internacional (Flexor, Kato & Leite, 2024). O agronegócio, portanto, deixa de ser apenas um setor econômico e atua como um verdadeiro instrumento de projeção de poder e vulnerabilidade (Dinu *et al*., 2025).

REMUNOM
ISSN 2178-6925

**Received:** 27/10/2026 - **Accepted:** 10/11/2026
**Vol**: 13.23
**DOI**: 10.66104/8sb6ng67
**Pages:** 1-27

A literatura internacional recente destaca que os conflitos provocam a destruição direta de ativos agrícolas cruciais, impulsionam a inflação de alimentos e geram crises agudas de insegurança alimentar que persistem mesmo em períodos pós-guerra. Ademais, a instabilidade institucional crônica e a ocorrência de conflitos armados atuam de forma combinada, gerando um efeito cascata que devasta os sistemas alimentares locais e globais. Dessa forma, o controle sobre as cadeias agroalimentares, o acesso a insumos tecnológicos e a capacidade de formulação de políticas agrícolas resilientes definem a dominância ou a dependência das nações no sistema internacional (Dinu *et al*., 2025; Desta *et al*., 2025; Onyeneke, 2026).

A relevância e a oportunidade de debater a interseção entre geopolítica e agronegócio justificam-se pela urgência em compreender como as crises políticas e os conflitos mundiais contemporâneos afetam diretamente o abastecimento global e as economias agrícolas nacionais. Visto que os impactos de uma guerra ou crise climática regional repercutem rapidamente nas dinâmicas de mercado global, alterando preços, padrões de comércio internacional e exigindo alterações legais complexas para que os produtores mantenham sua competitividade no mercado externo (Neto, 2025; Dinu *et al*., 2025).

Frente a esse panorama de crescentes incertezas globais e da necessidade de consolidar os avanços teóricos da área. Este trabalho tem como objetivo realizar um estudo de revisão da literatura e análise documental sobre as interações contemporâneas entre a geopolítica mundial e o desenvolvimento do agronegócio no Brasil. Busca-se, especificamente, analisar de que maneira os conflitos recentes, as crises institucionais e os fatores externos e regulatórios têm sido retratados pela comunidade científica internacional como vetores de transformação no ecossistema agroalimentar global.

## 2. Revisão da Literatura

Neste tópico foi abordado duas discussões que embasam o trabalho, o primeiro sobre a Evolução e Dimensão Econômica do Agronegócio e a segunda sobre

REMUNOM
ISSN 2178-6925

**Received:** 27/10/2026 - **Accepted:** 10/11/2026
**Vol**: 13.23
**DOI**: 10.66104/8sb6ng67
**Pages:** 1-27



## 2.1 Evolução e Dimensão Econômica do Agronegócio

Historicamente, o conceito de agricultura limitava-se às atividades desenvolvidas de forma isolada dentro das propriedades rurais, período em que as famílias eram autossuficientes, produzindo suas próprias ferramentas, insumos e processando seus próprios alimentos. Contudo, as transformações tecnológicas ocorridas ao longo dos últimos séculos promoveram uma dispersão de funções, estreitando as operações internas da fazenda e transferindo etapas de armazenamento, processamento e distribuição para setores externos (Davis; Goldberg, 1957; Jamandre, 2013).

Diante dessa transição da agricultura de subsistência para um modelo comercial e interdependente, os economistas de Harvard, John H. Davis e Ray A. Goldberg, cunharam oficialmente o termo “Agribusiness” (Agronegócio) em 1957. O agronegócio passou a ser definido como a soma total de todas as operações envolvidas na manufatura e distribuição de insumos agrícolas; nas atividades de produção na fazenda; e no armazenamento, processamento e distribuição das commodities agrícolas e itens delas derivados (Davis; Goldberg, 1957; King *et al*., 2010). Portanto, a pesquisa científica contemporânea enfatiza que o agronegócio exige uma visão integrada do sistema alimentar, estendendo-se desde o fornecimento de insumos e pesquisa até a produção, industrialização, distribuição e comercialização final ao consumidor (King *et al*., 2010).

Estudos de revisão conceitual indicam que o agronegócio ultrapassou visões unidisciplinares e isoladas (como foco exclusivo em finanças ou marketing), consolidando-se como um fenômeno multifatorial que abrange simultaneamente a indústria, o comércio e os serviços, transitando de forma transversal pelos setores primário, secundário e terciário. O setor se desenvolve a partir da profissionalização da produção rural e expande seu alcance até atingir fronteiras transnacionais por meio de dinâmicas integradas de logística de suprimentos, agroecossistemas e comercialização global (Oliveira *et al*., 2023).

REMUNOM
ISSN 2178-6925

**Received:** 27/10/2026 - **Accepted:** 10/11/2026
**Vol**: 13.23
**DOI**: 10.66104/8sb6ng67
**Pages:** 1-27

O impacto econômico do agronegócio manifesta-se no potencial de desenvolvimento socioeconômico e na geração de bem-estar. O avanço tecnológico do setor reduziu custos de alimentos em termos de horas de trabalho, eliminou ameaças de escassez alimentar em diversas regiões e proporcionou maior variedade de produtos sem necessariamente exigir expansão proporcional de terras. Adicionalmente, a evolução das ciências econômicas voltadas ao agronegócio permitiu o aprimoramento de arranjos institucionais cruciais para a estabilidade econômica, incluindo o design de mercados de crédito específicos, o cooperativismo de mercado e a gestão estratégica de cadeias de suprimentos (King *et al*., 2010).

A abundância de terras e as condições climáticas favoráveis fizeram com que a história agrícola e o desenvolvimento do Brasil se fundissem ao longo do tempo (Miranda, 2020). Desde o período colonial, o desenvolvimento econômico do país caminhou lado a lado com diferentes ciclos produtivos: inicialmente, com a exploração do pau-brasil e as culturas do açúcar, café, borracha, cacau, algodão e fumo, além do ouro; atualmente, o protagonismo cabe ao complexo de grãos, com destaque para a soja, também à fruticultura e à cadeia de carnes (Costa, 2008).

A organização do espaço e da economia brasileira, desde o período colonial, evidencia como o país sempre operou em função das necessidades externas (Leal; Duarte; Soares, 2022). O ciclo inicial de extração do pau-brasil (1500–1530) surgiu como alternativa à falta de especiarias e, quando as florestas nativas se esgotaram, a decisão de povoar a colônia foi ditada pela alta demanda do mercado internacional por açúcar. Para satisfazer esse consumo global e assegurar a posse da terra, Portugal implementou o modelo de grandes monoculturas (Miranda, 2020).

Como resultado dessa evolução histórica, o campo brasileiro assumiu proporções gigantescas, conforme atesta o Censo Agropecuário 2017/18 realizado pelo IBGE. A atividade rural hoje se distribui em mais de 5 milhões de estabelecimentos, os quais detém 41% da superfície territorial do país. Desse montante, a maior fatia é representada pelas pastagens plantadas, com mais de 112 milhões de hectares, emparelhadas com os 55,761 milhões de hectares das lavouras temporárias. O restante do espaço produtivo divide-se entre as pastagens naturais (47,323 milhões de hectares) e as lavouras permanentes (7,755 milhões de

REMUNOM
ISSN 2178-6925

**Received:** 27/10/2026 - **Accepted:** 10/11/2026
**Vol**: 13.23
**DOI**: 10.66104/8sb6ng67
**Pages:** 1-27

hectares), enquanto as frações remanescentes das propriedades abrigam as áreas de matas, sejam elas nativas ou plantadas (IBGE, 2017)

A consolidação dessa estrutura territorial reflete-se diretamente no papel protagonista que o setor desempenha no comércio exterior contemporâneo. De acordo com os indicadores do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq/USP), desenvolvidos em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e com base nos dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex/MDIC), o agronegócio nacional atingiu um faturamento histórico recorde de US$ 169 bilhões em exportações. Esse desempenho impulsionou de forma decisiva o saldo positivo da balança comercial brasileira, visto que o superávit exclusivo do agronegócio alcançou a expressiva marca de US$149,07 bilhões, compensando os déficits de outros segmentos e consolidando o setor como a principal âncora econômica do país.

Sob a ótica do Cepea, essa receita sem precedentes é sustentada pelo dinamismo do complexo soja, pelo protagonismo global das proteínas animais (carnes bovina e suína) e pelo setor sucroalcooleiro. Os embarques direcionados a parceiros estratégicos como China, União Europeia e Estados Unidos atestam o papel ativo do país na geopolítica agroalimentar global, onde o planejamento da produção nacional acompanha diretamente a forte demanda e as oscilações do mercado internacional (CEPEA; CNA, 2026).

Desse modo, a histórica dependência do campo brasileiro em relação às demandas externas deixa de ser apenas uma dinâmica comercial e passa a integrar uma engrenagem significativamente mais complexa e instável. A vulnerabilidade do setor produtivo às oscilações internacionais demonstra que o sucesso econômico do país está diretamente condicionado à estabilidade das relações globais (Costa, 2008). Contudo, em um momento em que as estruturas que moldavam o equilíbrio entre as nações começam a ruir, a inserção do Brasil no mercado global passa a ser fortemente tensionada por uma nova e perigosa configuração das forças políticas mundiais, caracterizada pelo choque entre imperativos planetários e velhas disputas de poder (Mearsheimer, 2003; Ikenberry, 2020).

REMUNOM
ISSN 2178-6925

**Received:** 27/10/2026 - **Accepted:** 10/11/2026
**Vol**: 13.23
**DOI**: 10.66104/8sb6ng67
**Pages:** 1-27

## 2.2 Agronegócio e Geopolítica Mundial

O mundo atual passa por mudanças profundas e de longo prazo na forma como os países se relacionam e se organizam (Hurrell, 2024). Ao contrário do que se costuma pensar, a instabilidade do cenário internacional não vem apenas de países isolados. A subida de governos nacionalistas e movimentos populistas em várias regiões, principalmente nos Estados Unidos e na Europa, prova que a crise da ordem global liberal começou dentro das próprias grandes potências (Ikenberry, 2020).

Essa desorganização está ligada à forte divisão política interna de cada país e ao fim daquele antigo acordo de que a globalização da economia e a cooperação internacional eram sempre os melhores caminhos (Stuenkel, 2018). Como resultado prático, as instituições que controlam a economia mundial hoje vivem sob forte pressão (Hurrell, 2024). Por isso, os debates atuais são travados entre dois lados muito claros: os que defendem a continuidade da união dos mercados e os grupos que rejeitam abrir mão do poder de decisão do seu próprio país em favor de órgãos globais (Ikenberry, 2020; Hurrell, 2024).

Diante do esgotamento desse modelo multilateral clássico, o cenário internacional contemporâneo passa a ser governado por uma crescente interligação de questões relacionadas à economia internacional, à segurança nacional e à política externa (Thirlwell, 2010). Evidencia-se uma tendência consolidada de os governos analisarem as dinâmicas de mercado através do prisma da segurança estratégica, o que marca o retorno definitivo da geoeconomia; conceito definido pela combinação da lógica do conflito estatal com os métodos do comércio (Luttwak, 1990).

Sob essa ótica, as estruturas econômicas, os fluxos financeiros e as rotas de comércio globais não operam como vetores neutros de cooperação e pacificação, mas sim como arenas de disputa por vantagens relativas, controle de cadeias de suprimentos e projeção de soberania, estendendo-se inclusive para os espaços marítimos essenciais ao comércio internacional (Thirlwell, 2010; Jones, 2024).

As regras do cenário mundial não definem todos os acontecimentos de forma automática (Hurrell, 2024). Revoltas populares, crises políticas internas, governantes

REMUNOM
ISSN 2178-6925

**Received:** 27/10/2026 - **Accepted:** 10/11/2026
**Vol**: 13.23
**DOI**: 10.66104/8sb6ng67
**Pages:** 1-27

autoritários e o colapso de governos locais servem frequentemente como estopins para rivalidades e guerras (Haass, 2023). Além disso, o fator imprevisto e a falta de controle têm um peso enorme na política internacional. Quando o mundo enfrenta várias crises ao mesmo tempo, os governantes tomam decisões sob muita pressão e com poucas informações, o que faz com que eles escolham saídas imediatas para resolver o problema do momento, mesmo que isso traga consequências graves e perigosas no futuro (Tooze, 2021).

A profunda inserção do agronegócio brasileiro no mercado externo faz com que a estabilidade do campo dependa diretamente da dinâmica e da estabilidade da sociedade internacional (Ricupero, 2017). Contudo, este sistema global passa a enfrentar desafios enormes e perigosos, uma vez que as instituições e as formas dominantes de pensar a ordem mundial encontram-se sob severa pressão (Ikenberry, 2020; Hurrell, 2024).

Essa crise estrutural contemporânea reflete o retorno agressivo da geopolítica pura, somado às instabilidades do capitalismo global (Robinson, 2020; Stuenkel, 2018). Nesse novo cenário, o protagonismo exportador do Brasil se vê inserido no choque direto entre o "velho" e o "novo": de um lado, os imperativos por segurança alimentar; de outro, a persistência de lógicas antigas, marcadas pelo acirramento da rivalidade entre EUA e China e a eclosão de conflitos armados na Ucrânia e no Oriente Médio, que impactam diretamente as cadeias de suprimentos agrícolas (Hurrell, 2024).

## 3. Metodologia

A presente investigação caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e adota, como procedimento básico, um estudo de revisão de literatura, combinado com a análise documental de dados secundários sobre comércio exterior brasileiro. Segundo Marconi e Lakatos (2021), a revisão de literatura não é mera repetição de dados, mas um levantamento de bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, tendo por finalidade colocar o investigador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

**Received:** 27/10/2026 - **Accepted:** 10/11/2026
**Vol**: 13.23
**DOI**: 10.66104/8sb6ng67
**Pages:** 1-27

Complementarmente, a análise documental viabiliza a extração de informações de fontes primárias que ainda não receberam tratamento analítico ou estatístico, conferindo densidade histórica e factual ao objeto de estudo (Sá-Silva, Almeida e Guindani, 2009). Essa escolha justifica-se pela necessidade de analisar de forma profunda e interpretativa a complexa interseção entre a geopolítica e a atividade agrícola, fenômeno que exige a compreensão de discursos, contextos históricos e relações de poder difíceis de serem capturados por uma abordagem puramente quantitativa.

O delineamento da pesquisa seguiu as etapas propostas por Gil (2022) para o desenvolvimento de pesquisas sobre a literatura, compreendendo: a escolha do tema, o levantamento bibliográfico preliminar, a formulação do problema, a busca de fontes nas bases de dados, a leitura, por fim, a análise e interpretação dos dados.

O levantamento documental e bibliográfico foi realizado entre maio e junho de 2026. Para garantir a representatividade e o rigor científico do corpus, as buscas foram conduzidas pelo Portal de Periódicos CAPES em bases acadêmicas complementares. A estratégia de busca envolveu a exploração de publicações nas áreas de economia agrícola, relações internacionais e geopolítica.

Esse procedimento permitiu recuperar a produção científica recente e de alto impacto que discute as dinâmicas territoriais, a segurança alimentar e as relações internacionais atreladas ao setor do agronegócio. A pesquisa também complementou seu escopo com informações extraídas da base de dados do Comex Stat, que reúne dados oficiais sobre o comércio exterior do Brasil (exportações e importações), de forma a corroborar e qualificar empiricamente a literatura revisada.

No que se refere ao processo analítico, empregou-se a técnica de análise de conteúdo. O material selecionado passou inicialmente por uma leitura para o reconhecimento do acervo. Em seguida, os textos foram submetidos à análise temática, identificando-se padrões argumentativos, convergências conceituais e divergências teóricas sobre o tema. A interpretação crítica desses dados permitiu categorizar os principais eixos da relação entre geopolítica e agricultura, conferindo validade, confiabilidade e uma visão abrangente aos achados deste estudo.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

**Received:** 27/10/2026 - **Accepted:** 10/11/2026
**Vol**: 13.23
**DOI**: 10.66104/8sb6ng67
**Pages:** 1-27

A revisão da literatura e a análise documental foram categorizadas em três eixos estruturantes: Balanças Comerciais Agrícola da Soja na Ordem Multipolar; Conflitos armados e os impactos no agronegócio e Disputas Tarifárias, Sanções e Instrumentos de Retaliação Econômica.

## 4. Resultados e Discussão

A geopolítica moderna não se limita mais a guerras por territórios e pedaços de terra, hoje, o poder global é medido pela capacidade de controlar redes, infraestruturas de transportes e cadeias globais de valor. Ocorreu uma transformação onde as corporações transnacionais que controlam as sementes, as patentes e a logística exercem tanto ou mais poder que os próprios Estados nacionais, embora ainda dependam destes para garantir a legalidade e a segurança dos seus mercados. Nesse cenário, quem produz alimentos e controla insumos detém uma arma estratégica de barganha internacional (Miranda, 2025).

O agronegócio por sua vez, é o motor que sustenta a balança comercial do Brasil, gerando superávits sucessivos que evitam crises cambiais e garantem a estabilidade macroeconômica nacional. O país transformou-se em uma potência agrícola indispensável para a segurança alimentar do planeta, abastecendo mercados gigantescos. Contudo, essa força esconde um paradoxo perigoso: ao mesmo tempo em que o Brasil é um gigante na produção e exportação de grãos e proteínas, ele é profundamente dependente do mercado externo para financiar sua produção, obter tecnologia e comprar os insumos básicos que viabilizam suas safras.

### 4.1 Balanças Comerciais Agrícola da Soja na Ordem Multipolar

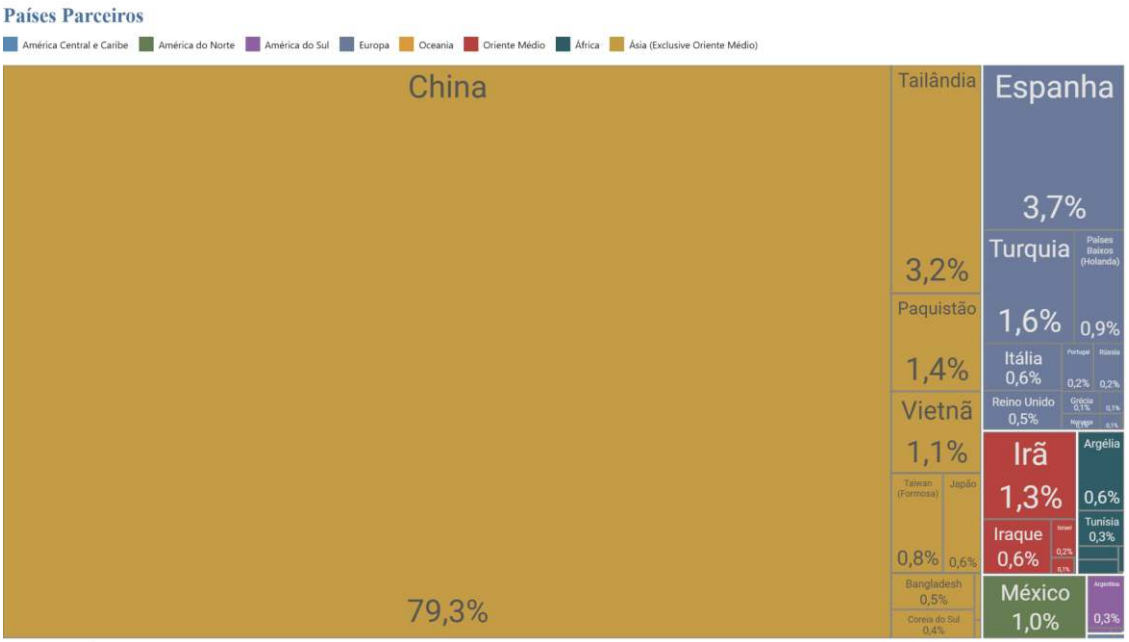
A inserção do Brasil na geopolítica global contemporânea está intrinsecamente vinculada à sua capacidade de produção agroindustrial, com destaque para o complexo da soja. Em uma ordem mundial multipolar, a exportação de commodities agrícolas consolidou-se como o principal mecanismo de estabilização macroeconômica do país, garantindo superávits sucessivos na balança

REMUNOM
ISSN 2178-6925

**Received:** 27/10/2026 - **Accepted:** 10/11/2026
**Vol**: 13.23
**DOI**: 10.66104/8sb6ng67
**Pages:** 1-27

comercial e conferindo ao Estado brasileiro um papel estratégico na segurança alimentar de grandes potências (Oliveira, 2016). A China figura como o principal destino desse fluxo comercial, estabelecendo uma relação de mútua dependência onde o apetite asiático por proteína animal direciona o uso do território e o planejamento logístico nacional, conforme mostra a Figura 1.

**Figura 1.** Principais parceiros comerciais em exportação de soja (NCM 1201) do Brasil em 2025.




Fonte: Baseado em dados ComextStat (2025). Nota: *A análise da soja compreende as NCM 1201 (Soja, mesmo triturada), abrangendo tanto os códigos atuais quanto suas equivalências históricas na série temporal do Comex Stat: NCM 1201.90.00 / 1201.00.90 (Soja em grão comum/outras, destinada ao esmagamento e exportação) e NCM 1201.10.00 / 1201.00.10 (Soja para semeadura).*

Ao encerramento do ano de 2025, os dados consolidados apontam a China isolada na liderança como o principal destino das exportações brasileiras do complexo da soja. Esse fluxo comercial de escoamento de commodities estabelece uma assimetria em relação aos demais parceiros do bloco, sendo seguido, em ordem de relevância financeira, por Espanha e Tailândia.

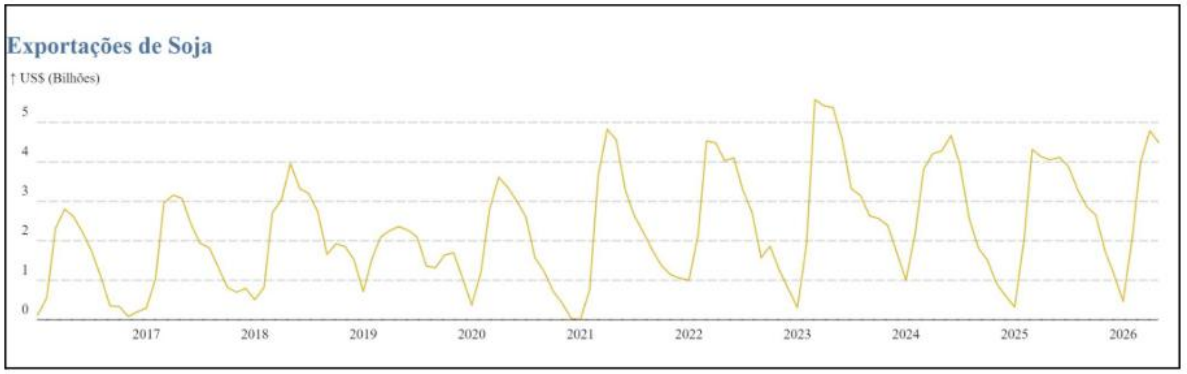
Para complementar essa informação a Figura 2, mostra a exportação de soja

REMUNOM
ISSN 2178-6925

**Received:** 27/10/2026 - **Accepted:** 10/11/2026
**Vol**: 13.23
**DOI**: 10.66104/8sb6ng67
**Pages:** 1-27

em bilhões de dólares para a China.

**Figura 2.** Exportação de Soja para China.




Fonte: Baseado em dados do ComexStat (2026).

Nota-se os picos sazonais marcados geralmente entre abril e maio de cada ano, refletindo o período de pico nos embarques e escoamento da colheita da commodity. Em contrapartida, observa-se uma queda acentuada nos meses de dezembro, período que coincide com a entressafra e o plantio da nova safra no Brasil, quando os estoques para exportação estão historicamente baixos.

Essa inversão reflete tanto a dinâmica de crescimento da demanda asiática por proteína animal e grãos quanto as transformações na política externa brasileira ao longo das últimas décadas, que buscou ativamente a diversificação de parceiros comerciais a partir da chamada diplomacia universalista.

Apesar dessa ampla base de relações comerciais formais, conforme cita Miranda (2025) a estrutura de destinos permanece altamente concentrada: apenas três parceiros, China, União Europeia e Estados Unidos, respondem por aproximadamente 51% do total das exportações do agronegócio brasileiro. Isso dificulta a dinamização da diversificação comercial com outros países.

Nesse sentido, a concentração bilateral é simultaneamente um ativo estratégico e uma vulnerabilidade estrutural. Na medida em que a demanda chinesa define o ritmo do complexo da soja brasileiro, qualquer desaceleração da economia asiática ou reorientação de sua política de importações pode gerar impactos imediatos sobre a balança comercial nacional. Como observa Miranda (2025), a

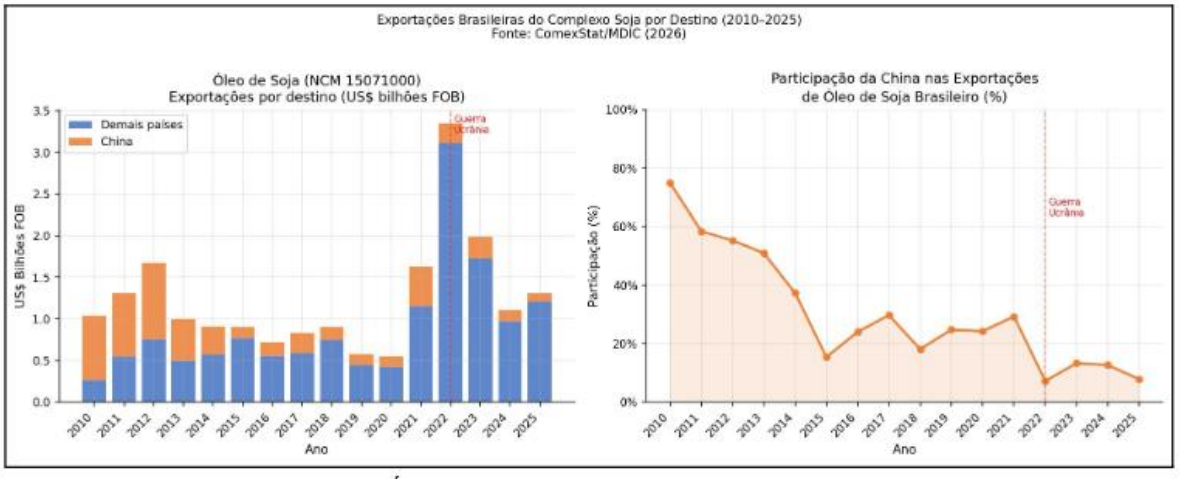
REMUNOM
ISSN 2178-6925

**Received:** 27/10/2026 - **Accepted:** 10/11/2026
**Vol**: 13.23
**DOI**: 10.66104/8sb6ng67
**Pages:** 1-27

dependência do Brasil em relação à China está concentrada em poucas cadeias de soja, carnes, madeira e celulose, o que amplia a exposição do país a choques de demanda externos e reduz sua margem de manobra nas negociações comerciais.

Para exemplificar esse trecho, os dados do ComexStat permitem verificar empiricamente essa dinâmica, a Figura 3 apresenta a série histórica das exportações brasileiras de óleo de soja por destino entre 2010 e 2025, revelando uma transformação estrutural que qualifica e ao mesmo tempo a narrativa de dependência da China. No início da década, a China respondia por mais de 74% das exportações de óleo de soja brasileiro; ao longo dos anos seguintes, essa participação caiu de forma consistente, chegando a apenas 7,2% em 2022 e 7,8% em 2025. Esse movimento não representa perda de mercado, mas uma reorientação estrutural: a China migrou para a importação do grão bruto de soja, processado internamente, enquanto o óleo passou a ser absorvido por mercados alternativos (ComexStat/MDIC, 2026).

**Figura 3.** Exportações Brasileiras de Óleo de Soja (NCM 1507) por Destino (2010–2025)




Fonte: Elaborado pelos autores com base em dados do ComexStat/MDIC (2026).

A Figura 3 aprofunda essa análise ao comparar a trajetória da China com a dos principais compradores alternativos. O dado mais revelador é o salto expressivo em 2022, esse pico coincide precisamente com a invasão da Ucrânia pela Rússia

REMUNOM
ISSN 2178-6925

**Received:** 27/10/2026 - **Accepted:** 10/11/2026
**Vol**: 13.23
**DOI**: 10.66104/8sb6ng67
**Pages:** 1-27

em fevereiro de 2022, que desestruturou o mercado global de óleos vegetais, a Ucrânia é historicamente a principal exportadora mundial de óleo de girassol. A disrupção desse fluxo redirecionou a demanda global para o óleo de soja, beneficiando o Brasil e evidenciando como conflitos geopolíticos distantes reconfiguram rapidamente os mercados agrícolas internacionais (ComexStat/MDIC, 2026).

Os investimentos chineses na cadeia da soja estão concentrados em infraestrutura logística e canais de escoamento, enquanto o controle hegemônico sobre os maiores volumes de terras cultiváveis e patentes biotecnológicas permanece sob o domínio de corporações e fundos de investimento originários do Norte Global, especificamente dos Estados Unidos e da Europa (Oliveira, 2018). Essa forte dependência de fatores externos introduz a necessidade de analisar como a financeirização afeta a soberania monetária do produtor nacional, uma vez que a produção brasileira é profundamente afetada pelo fenômeno do soy-dollar, no qual os custos de insumos e os preços de venda são definidos em dólares americanos na Bolsa de Chicago, limitando a autonomia das políticas econômicas nacionais (Oliveira, 2016).

Nessa perspectiva, a soja emerge de uma mera commodity agrícola para consolidar-se como um ativo estratégico na geopolítica brasileira. Diante da nova ordem multipolar, o protagonismo na produção e exportação do grão confere ao Brasil o status de ator central na segurança alimentar global, convertendo capacidade produtiva em influência diplomática e poder de barganha internacional.

### 4.2 Conflitos armados e os impactos no agronegócio

A geopolítica contemporânea impõe transformações profundas sobre os sistemas agroalimentares mundiais, evidenciando que o controle sobre cadeias produtivas agrícolas, o acesso a insumos estratégicos e a capacidade de formulação de políticas resilientes constituem, na ordem internacional multipolar emergente, dimensões centrais de poder e vulnerabilidade das nações. Nesse contexto, a invasão da Ucrânia pela Rússia em fevereiro de 2022 representa o

REMUNOM
ISSN 2178-6925

**Received:** 27/10/2026 - **Accepted:** 10/11/2026
**Vol**: 13.23
**DOI**: 10.66104/8sb6ng67
**Pages:** 1-27

episódio geopolítico de maior impacto sobre o agronegócio global na última década, produzindo efeitos que se propagaram muito além das fronteiras do conflito.

A literatura documenta que o choque imediato da guerra sobre os mercados agrícolas foi de magnitude excepcional. O conflito elevou fortemente os preços globais de alimentos, o FAO Food Price Index aumentou 14,3% em 2022 frente a 2021, e o FAO Cereal Price Index subiu 17,9% no mesmo período (Filho *et al*., 2023; Dinu *et al*., 2025).

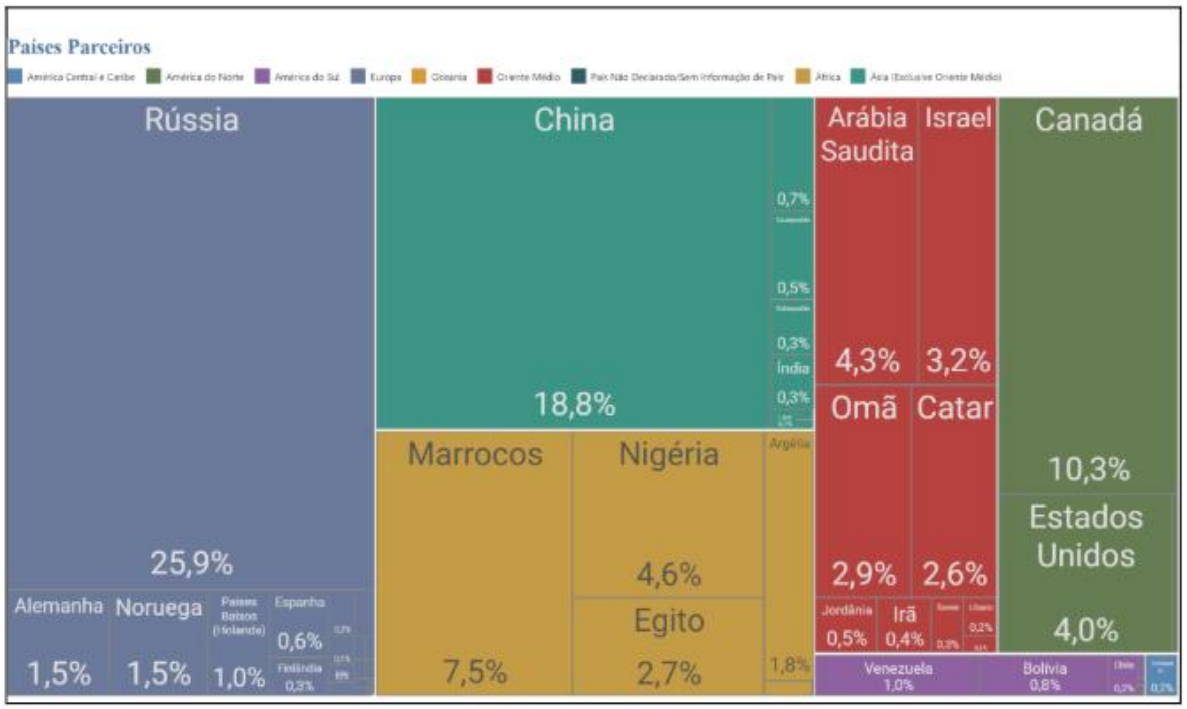
Países com alta dependência de importações agrícolas sofreram deterioração imediata de suas balanças comerciais. O caso romeno é paradigmático porque revela uma contradição estrutural presente também no modelo agrícola brasileiro: ao especializar-se na exportação de cereais e oleaginosas, o país tornou-se simultaneamente grande produtor de commodities e importador líquido de alimentos processados e de maior valor nutricional, expondo sua segurança alimentar doméstica à volatilidade dos mercados internacionais (Dinu *et al*., 2025).

Para o Brasil, os reflexos da guerra foram ambivalentes. Se por um lado o conflito abriu janelas de oportunidade para a expansão das exportações de soja, por outro expôs de forma aguda a dependência brasileira de fertilizantes importados, majoritariamente provenientes da Rússia, conforme demonstra a Figura 4.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

**Received:** 27/10/2026 - **Accepted:** 10/11/2026
**Vol**: 13.23
**DOI**: 10.66104/8sb6ng67
**Pages:** 1-27

**Figura 4**. Principais países de origem das importações brasileiras de adubos ou fertilizantes químicos (Capítulo NCM 31, exceto fertilizantes brutos).




Fonte: Baseado em dados ComextStat (2025). *Nota: Dados extraídos do Portal Comex Stat (MDIC), abrangendo as subposições NCM do Capítulo 31 correspondentes aos fertilizantes químicos e minerais nitrogenados, fosfatados, potássicos e suas misturas (NCMs 3102.10.10 a 3105.90.90).*

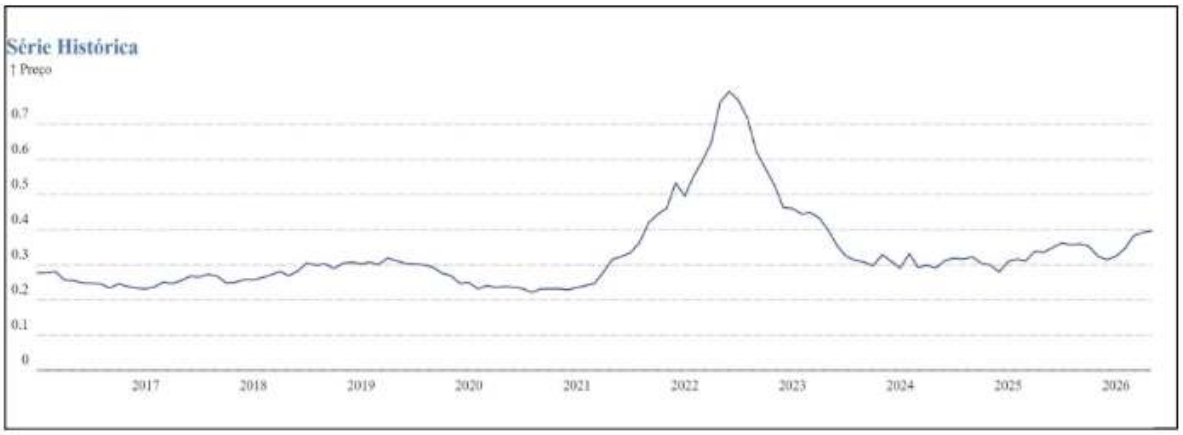
Ao observar a figura, revela-se uma forte concentração de dependência em relação a poucos e estratégicos players globais, com especial destaque para a Rússia, China e Canadá que figuram historicamente como as principais origens do insumo absorvido pelo campo brasileiro. Essa vulnerabilidade de insumos representa uma das contradições estruturais do agronegócio nacional: o país que lidera rankings globais de produtividade agrícola sustenta sua competitividade sobre uma base de insumos estratégicos controlada por atores geopolíticos em conflito com o ocidente.

Essa vulnerabilidade geográfica ganha contornos temporais nítidos ao se analisar a série histórica dos valores despendidos pelo Brasil na compra desses insumos químicos, ilustrado na Figura 5.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

**Received:** 27/10/2026 - **Accepted:** 10/11/2026
**Vol**: 13.23
**DOI**: 10.66104/8sb6ng67
**Pages:** 1-27

**Figura 5.** Série histórica do valor total despendido (US$) na importação de adubos ou fertilizantes químicos pelo Brasil**.**




Fonte: Baseado em dados do ComextStat (2026).

A análise do comportamento das importações brasileiras confirma de maneira categórica as teorias sobre os choques de oferta provocados por conflitos armados internacionais. Ao observar a Figura 5 na importação de fertilizantes químicos, identifica-se um comportamento de aumento concentrado no ano de 2022, o pico ocorre precisamente no período que coincide com a eclosão do conflito entre Rússia e Ucrânia em fevereiro daquele ano.

Isso traduz visualmente a tese de Zhang *et al*. (2023) sobre a vulnerabilidade sistêmica do agronegócio nacional face à sua forte dependência de insumos químicos controlados por atores situados em zonas de fricção geopolítica.

Outro impacto das instabilidades geopolíticas ocorre no Oriente Médio que exercem efeito sobre a dinâmica econômica do agronegócio brasileiro por meio do mercado global de energia. O acirramento das tensões na região do Estreito de Ormuz, uma das principais rotas de escoamento de petróleo do mundo, gera risco que inflaciona a cotação internacional do barril de óleo. Visto que, o Oriente Médio representa aproximadamente 9,7% das exportações agroindustriais do país. (Miranda, 2025).

Conflitos mais recentes, como a escalada militar entre Israel, Estados Unidos e Irã em 2025, ainda carecem de análise empírica consolidada na literatura científica, mas já configuram vetores de risco concretos para o agronegócio brasileiro e ilustram

REMUNOM
ISSN 2178-6925

**Received:** 27/10/2026 - **Accepted:** 10/11/2026
**Vol**: 13.23
**DOI**: 10.66104/8sb6ng67
**Pages:** 1-27

com precisão por que a diversificação de mercados, discutida ao longo deste trabalho, permanece um imperativo estratégico não resolvido.

### 4.3 Disputas Tarifárias, Sanções e Instrumentos de Retaliação Econômica

Além dos conflitos armados, o ecossistema agroalimentar brasileiro é profundamente afetado por fatores regulatórios externos e disputas comerciais baseadas em tarifas aplicadas como instrumentos de retaliação econômica. A guerra comercial entre Estados Unidos e China iniciada em 2018 ilustra essa dinâmica, na qual a administração americana utilizou a Seção 301 da Lei de Comércio de 1974 para impor alíquotas punitivas unilaterais, desencadeando respostas imediatas de Pequim através de taxações sobre a agricultura dos Estados Unidos. Essas tarifas de caráter abusivo desestabilizam cadeias produtivas globais e geram distorções que ultrapassam os países diretamente envolvidos.

No caso brasileiro, esse protecionismo gerou um desvio de comércio de curto prazo que inflou a balança comercial nacional devido à substituição da soja americana pela brasileira no mercado chinês, evidenciando como as fricções normativas entre superpotências organizam os fluxos agrícolas globais (Miranda, 2025).

Conforme demonstrado na literatura, esses choques de política comercial e volatilidade tarifária transmitem-se para as taxas de câmbio, balanças comerciais e expectativas inflacionárias de forma rápida e persistente, afetando de modo especial as economias com alta dependência do comércio exterior de commodities (Freitas 2013: Oliveira, 2016: Oliveira 2018).

Miranda (2025) documenta que as exportações agroindustriais brasileiras se beneficiaram de forma expressiva da guerra comercial entre Estados Unidos e China iniciada em 2018, com elevação significativa da demanda chinesa por soja, aves e algodão brasileiros entre 2016 e 2018, proporcionalmente à retração das exportações norte-americanas para aquele mercado. Esse episódio ilustra como o Brasil, ao manter posição de relativa neutralidade diplomática entre as duas

REMUNOM
ISSN 2178-6925

**Received:** 27/10/2026 - **Accepted:** 10/11/2026
**Vol**: 13.23
**DOI**: 10.66104/8sb6ng67
**Pages:** 1-27

potências, pôde capturar oportunidades comerciais geradas pela fricção geopolítica alheia.

Para o Brasil, as pressões tarifárias norte-americanas forçam a renegociação de destinos de exportação, ampliam a dependência do mercado chinês e recolocam o país diante do dilema estrutural de diversificação de parceiros comerciais em um ambiente de crescente bipolarização geopolítica.

Além disso, esses mecanismos coercitivos e as sanções internacionais aplicadas em zonas de fricção, como o Oriente Médio e as áreas impactadas por crises no Irã, geram ciclos persistentes de instabilidade política e inflação de alimentos que comprometem o comércio de longo prazo (Bremer *et al.*, 2025; Miranda, 2025).

Diante dessas vulnerabilidades, o Brasil historicamente recorre a instrumentos políticos defensivos, demonstrando a necessidade de o país articular a defesa de seu agronegócio tanto na esfera produtiva quanto nas pressões internacionais.

Por outro lado, a geopolítica sobre o agronegócio também opera por meio de instrumentos regulatórios que, embora sejam de linguagem técnica e ambiental, acabam funcionando na prática como mecanismos de poder e barreiras não tarifárias na disputa por mercados. Principalmente para países como o Brasil, que devolve essa pressão ao produtor sem dar o devido tempo para se adequar a essas normativas.

No plano regulatório, o Regulamento de Desmatamento da União Europeia (EUDR - Regulamento UE 2023/1115) estabelece que produtos agrícolas como soja, carne bovina, café, cacau, madeira e óleo de palma importados pelo bloco europeu comprovem não ser oriundos de áreas desmatadas. O regulamento possui objetivos normativos declarados de combate ao desmatamento global e mitigação das mudanças climáticas.

Esse instrumento regulatório, embora revestido de linguagem ambiental, opera na prática como uma barreira não tarifária que impõe custos de conformidade desproporcionais principalmente a pequenos e médios produtores de países

REMUNOM
ISSN 2178-6925

**Received:** 27/10/2026 - **Accepted:** 10/11/2026
**Vol**: 13.23
**DOI**: 10.66104/8sb6ng67
**Pages:** 1-27

exportadores, que dispõem de menor acesso a recursos financeiros e informacionais para atender às novas exigências (Miranda, 2025).

Esse padrão de assimetria regulatória reforça o argumento deste trabalho, a geopolítica do agronegócio brasileiro opera tanto pelos conflitos armados e choques de insumos quanto por instrumentos normativos que, sob aparência técnica, expressam disputas de poder e acesso a mercados e explanam assimetrias entre produtores, pelo risco da exclusão de pequenos e médios produtores participarem desse bloco de exportação.

As exigências de sustentabilidade impõem trade-offs econômicos e operacionais à produção agrícola, inclusive sob a Política Agrícola Comum, e podem afetar de forma especialmente sensível pequenos produtores (Cappella *et al*., 2025; Ispas *et al*., 2025)

Para sintetizar a natureza multidirecional e complexa dessas forças comerciais e regulatórias, a Figura 6 mapeia o fluxo sistêmico de pressões externas, seus canais de transmissão sobre as cadeias agrícolas e as respectivas respostas institucionais do Estado brasileiro.

**Figura 6.** Fluxograma das Barreiras Normativas e Choques de Política Comercial.




Fonte: Elaborado pelos autores com base em Miranda, 2025, Hafurova *et al*., 2026. Bremer *et*

REMUNOM
ISSN 2178-6925

**Received:** 27/10/2026 - **Accepted:** 10/11/2026
**Vol**: 13.23
**DOI**: 10.66104/8sb6ng67
**Pages:** 1-27

*al*., 2025.

Como esquematizado na Figura 6, os impactos das disputas tarifárias e das barreiras não tarifárias (como o EUDR europeu) ultrapassam o ambiente meramente comercial, alcançando dimensões macroeconômicas. O fluxograma demonstra de que maneira o desvio de comércio de curto prazo coexiste com o risco estrutural da concentração bilateral e a exclusão de produtores vulneráveis.

Diante disso, a formulação de uma política externa estratégica surge não apenas como escolhas institucionais, mas como mecanismos vitais para mitigar os impactos sistêmicos, buscar a diversificação de mercados e preservar a soberania econômica nacional.

Esse dilema regulatório conecta-se diretamente à discussão sobre a sustentabilidade agrícola global, onde os indicadores de maior consenso na comunidade científica envolvem a eficiência produtiva, o cuidado ambiental durante o cultivo e os impactos sobre a qualidade do solo (Hockenhull *et al*., 2026).

Esses critérios são utilizados de forma crescente pelos mercados importadores como condicionantes de acesso ao bloco europeu, transformando parâmetros técnicos em novos instrumentos de exclusão ou seleção de parceiros comerciais.

Essa pressão simultânea exercida pelas exigências regulatórias do bloco europeu de um lado, e pela volatilidade tarifária do bloco norte-americano de outro, coloca em evidência a necessidade de o Brasil consolidar sua capacidade de formulação de política externa comercial, garantindo que a incorporação de padrões de sustentabilidade atue como vetor de competitividade de longo prazo e salvaguarda de sua soberania econômica.

## 5. Conclusão

O presente estudo cumpriu o objetivo de realizar uma revisão da literatura sobre as interações contemporâneas entre a geopolítica mundial e o desenvolvimento do agronegócio no Brasil, analisando de que maneira conflitos recentes, crises institucionais e fatores regulatórios externos têm sido retratados

REMUNOM
ISSN 2178-6925

**Received:** 27/10/2026 - **Accepted:** 10/11/2026
**Vol**: 13.23
**DOI**: 10.66104/8sb6ng67
**Pages:** 1-27

pela comunidade científica internacional como vetores de transformação no agronegócio mundial. A análise da literatura, complementada por dados empíricos do ComexStat, permitiu identificar três eixos estruturantes que organizam essa relação: A Configuração das Balanças Comerciais Agrícolas da soja na Ordem Multipolar, os Conflitos armados e os impactos no agronegócio, as Disputas Tarifárias, Sanções e Instrumentos de Retaliação Econômica.

Os achados revelam que o agronegócio brasileiro opera em uma dualidade estrutural persistente: ao mesmo tempo em que o país consolida sua posição como protagonista indispensável na exportação de commodities, sustenta essa competição sobre bases externamente vulneráveis. A dependência de fertilizantes e adubos de origem russa ficou empiricamente demonstrada pela análise do ComexStat, o pico do preço total de importação que coincide diretamente com o início do conflito entre Rússia e Ucrânia.

A guerra tarifária entre Estados Unidos e China, por sua vez, gerou um desvio de comércio que beneficiou temporariamente o Brasil, mas aprofundou sua dependência do mercado chinês.

No plano regulatório, verificou-se que instrumentos como o Regulamento de Desmatamento da União Europeia funcionam, na prática, como barreiras não tarifárias que exercem pressão assimétrica sobre países exportadores periféricos. Os conflitos mais recentes no Oriente Médio, ainda sem análise empírica consolidada, já sinalizam um novo vetor de risco pelo lado da demanda, distinto do canal de insumos operado pelo conflito russo-ucraniana, reforçando que a diversificação de mercados permanece o principal imperativo estratégico não equacionado pelo país. Por fim, pode se afirmar que o agronegócio é um instrumento de poder estratégico, mas exige políticas internas e externas resilientes para mitigar choques em um cenário global instável.

Este estudo apresenta limitações que devem ser consideradas na interpretação dos resultados. A opção pela revisão de literatura não sistemática, associada ao recorte temporal dos dados empíricos até maio de 2026, restringe a generalização de alguns achados, especialmente os referentes aos conflitos mais recentes, cujos impactos sobre os fluxos comerciais ainda estão em curso. Além

REMUNOM
ISSN 2178-6925

**Received:** 27/10/2026 - **Accepted:** 10/11/2026
**Vol**: 13.23
**DOI**: 10.66104/8sb6ng67
**Pages:** 1-27

disso, os dados do ComexStat cobriram apenas dois grupos, fertilizantes e três segmentos do complexo soja, o que não captura a totalidade das cadeias analisadas.

Para estudos futuros, recomenda-se a ampliação do escopo de importações e exportações monitorados, a inclusão de dados de carnes, café e celulose para cobrir integralmente os produtos afetados pelo EUDR, bem como a aplicação de modelos econométricos de equilíbrio parcial que permitam quantificar os efeitos líquidos dos choques geopolíticos sobre a balança comercial agrícola brasileira. A incorporação de cenários prospectivos sobre o conflito Israel-Irã e sua trajetória futura também representa uma agenda de pesquisa relevante e urgente.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Brasil, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

## Referências

Bannor, R. K., & Arthur, K. K. (2024). A systematic review and bibliometric analysis on agribusiness gaps in emerging markets. *Research in Globalization*, *8*, 100214. https://doi.org/10.1016/j.resglo.2024.100214

Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. (s.d.). *Comex Stat*. Recuperado em 12 de junho de 2026, de http://comexstat.mdic.gov.br/

Bremer, L. F., Lima, P. P. O., do N. Almeida, E., & Martins, S. A. (2025). O IMPACTO DAS TARIFAS ABUSIVAS COMO INSTRUMENTO DE RETALIAÇÃO ECONÔMICA NOCOMÉRCIO INTERNACIONAL. *Revista Multidisciplinar Integrada-REMI*, *6*(1), 1-13.

Cappella, M. T., Nerozzi, L., Benini, M., Detti, P., & Blasi, E. (2025). Evaluating the economic and land use consequences of sustainability-driven CAP reforms: Insights from an optimization approach in Italian cereal farms. *Land Use Policy*, *158*, 107720.

Castro, N. R., Barros, G. S. A. D. C., Almeida, A. N., Gilio, L., & Morais, A. C. D. P. (2020). The Brazilian agribusiness labor market: measurement, characterization and

REMUNOM
ISSN 2178-6925

**Received:** 27/10/2026 - **Accepted:** 10/11/2026
**Vol**: 13.23
**DOI**: 10.66104/8sb6ng67
**Pages:** 1-27

analysis of income differentials. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, *58*(1), e192298. https://doi.org/10.1590/1806-9479.2020.192298

Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada [Cepea], & Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil [CNA]. (2026). *Panorama do PIB do agronegócio brasileiro*. Cepea/Esalq/USP; CNA. Recuperado em 27 de junho de 2026, de

https://www.cepea.esalq.usp.br/

Costa, L. de O. (2008). *Agronegócio brasileiro: história, importância no cenário internacional e perspectivas* [Monografia de graduação, Centro Universitário de Brasília].

Davis, J. H., & Goldberg, R. A. (1957). *A concept of agribusiness*. Division of Research, Graduate School of Business Administration, Harvard University.

Desta, T. H., Gebremichael, M. W., & Hailu, A. G. (2025). Economic status of Tigrayan women in the post-war period: Status changes and challenges in 2024. *BMC Public Health*, *25*(1), Artigo 3010.

Dinu, M., Manescu, C. O., Dobre, F., & Gratianu, E. (2025). Food security – Element of Romania's Common Agricultural Policy in the European context. In *Proceedings of the International Conference on Business Excellence* (pp. 702–712). Sciendo.

Filho, W. L., Fedoruk, M., Paulino Pires Eustachio, J. H., Barbir, J., Lisovska, T., Lingos, A., & Baars, C. (2023). How the war in Ukraine affects food security. *Foods*, *12*(21), 3996.

Flexor, G., Kato, K. Y., & Leite, S. P. (2024). Agri-food globalization and food security in Brazil: Recent trends and contradictions. *The Journal of Peasant Studies*, *51*(4), 1022–1045.

Freitas, E. P. (2013). Da geopolítica dos estados à geopolítica das corporações transnacionais: A metamorfose do Cerrado brasileiro em soja e cana-de-açúcar. *Ateliê Geográfico*, *7*(3), 55–78.

Gil, A. C. (2022). *Como elaborar projetos de pesquisa* (7ª ed.). Atlas.

Hafurova, O., Yermolenko, V., & Novak, T. (2026). Economic and legal aspects of pesticide use in Ukraine in the context of EU requirements. *Baltic Journal of Economic Studies*, *12*(2), 28–40.

Haass, R. (2023). The bill of obligations: The ten habits of good citizens. *Journal of International Social Studies*, *13*(1), 74–76.

Hockenhull, I., Burgess, P. J., Kourmpetli, S., Park, J., Shelton, G., & Mauchline, A. (2026). Evaluating sustainability indicators employed across European arable agricultural research. A systematic literature review. *Environment, Development and Sustainability*, 1-28.

Hurrell, A. (2024). Geopolitics and global economic governance. *Oxford Review of*

REMUNOM
ISSN 2178-6925

**Received:** 27/10/2026 - **Accepted:** 10/11/2026
**Vol**: 13.23
**DOI**: 10.66104/8sb6ng67
**Pages:** 1-27

*Economic Policy*, *40*(2), 220–233.

Ikenberry, G. J. (2020). *A world safe for democracy: Liberal internationalism and the crises of global order*. Princeton University Press.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2019). *Censo agropecuário 2017: Resultados definitivos*. Recuperado em 27 de junho de 2026, de https://sidra.ibge.gov.br/

Ispas, G. M., Coca, O., & Stefan, G. (2025). Agricultural Policies, Crop Type, Tillage Systems and Fertilization as Drivers of Soil Carbon Sequestration in Romania. *Agriculture*, *16*(1), 12.

Jamandre, W. E. (2013). *Agribusiness: A perspective*. Department of Agribusiness Management, Central Luzon State University.

Jones, R. (2024). Political geography I: Blue geopolitics. *Progress in Human Geography*, *48*(5), 669–676.

King, R. P., Boehlje, M., Cook, M. L., & Sonka, S. T. (2010). Agribusiness economics and management. *American Journal of Agricultural Economics*, *92*(2), 554-570.

Leal, T. A. B., Duarte, S. L., & Soares, G. F. (2022). Reflexos da pandemia da Covid-19 na gestão do agronegócio. *Congresso USP de Iniciação Científica em Contabilidade*.

Luttwak, E. N. (1990). From geopolitics to geo-economics: Interstate rivalry in the new commerce. *The National Interest*, *20*, 17–23.

Marconi, M. de A., & Lakatos, E. M. (2021). *Fundamentos de metodologia científica* (9ª ed.). Atlas.

Mearsheimer, J. J. (2003). *The tragedy of great power politics*. W. W. Norton & Company. Miranda, R. A. (2020). Breve história da agropecuária brasileira. In D. P. Guimarães (Ed.), *Dinâmica da produção agropecuária e da paisagem natural no Brasil nas últimas décadas: Cenário histórico, divisão política, características demográficas, socioeconômicas e ambientais* (Vol. 1, pp. 31–57). Embrapa.

Miranda, S. H. G. de. (2025). Brazilian agri-food trade amid geopolitical turbulence: New perspectives on old challenges. *Studies in Agricultural Economics*, *127*, 128 141. https://doi.org/10.7896/j.3238

Neto, T. O. (2025). Dinâmicas contemporâneas de transporte e geopolítica na fronteira entre Brasil e Guiana. *Boletim Goiano de Geografia*, *45*(1).

Oliveira, E. dos S., de Oliveira, P. C. B., Craveiro, E. G., Bezerra, J. P., & e Silva, D. N. (2023). Analysis of Conceptual Definitions of Agribusiness Using the Conceptual Bibliographic Method. *International Journal of Professional Business Review: Int. J. Prof. Bus. Rev.*, *8*(12), 9

Oliveira, G. de L. T. (2018). Chinese land grabs in Brazil? Sinophobia and foreign

REMUNOM
ISSN 2178-6925

**Received:** 27/10/2026 - **Accepted:** 10/11/2026
**Vol**: 13.23
**DOI**: 10.66104/8sb6ng67
**Pages:** 1-27

investments in Brazilian soybean agribusiness. *Globalizations*, *15*(1), 114–133. https://doi.org/10.1080/14747731.2017.1377374

Oliveira, G. de L. T. (2016). The geopolitics of Brazilian soybeans. *The Journal of Peasant Studies*, *43*(2), 348–372. https://doi.org/10.1080/03066150.2014.992337

Onyeneke, R. U., et al. (2026). Exploring the impacts of climate change, institutional quality, and conflicts on food security in Africa. *Frontiers in Sustainable Food Systems*, *10*, Artigo 1740395.

Park, Y. S. (2024). US-China strategic competition amidst the paradox of decoupling. *Int'l J. Soc. Sci. Stud.*, *12*, 1.

Ricupero, R. (2017). *A diplomacia na construção do Brasil: 1750–2016*. Versalhes.

Robinson, W. I. (2020). *Into the tempest: Essays on the new global capitalism*. Haymarket Books.

Sá-Silva, J. R., Almeida, C. D. de, & Guindani, J. F. (2009). Pesquisa documental: Pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, *1*(1), 1–15.

Stuenkel, O. (2018). *Post-Western world: How emerging powers are remaking global order*. Polity Press.

Thirlwell, M. P. (2010). *The return of geoeconomics: Globalisation and national security*. Lowy Institute for International Policy.

Tooze, A. (2021). *Shutdown: How Covid shook the world's economy*. Viking.

Zhang, Z., Abdullah, M. J., Xu, G., Matsubae, K., & Zeng, X. (2023). Countries vulnerability to food supply disruptions caused by the Russia–Ukraine war from a trade dependency perspective. *Scientific Reports*, *13*(1), 16591. https://doi.org/10.1038/s41598-023-43883-4